

ASPECTOS VARIACIONAIS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Kátia Michaela Conserva Albuquerque (IFPB)

katiamichaele@hotmail.com

Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)

evangelinab.faria@gmail.com

A sociolinguística propiciou o olhar sobre as pessoas surdas enquanto falantes de uma língua visuoespacial. Destacamos a sociolinguística variacionista, abordagem teórica adotada para este trabalho, que discute a participação de elementos culturais no processo linguístico e corrobora para a compreensão de suas diferentes manifestações, enriquecidas e diversificadas pelos contextos sociais de uso da língua. Nesta perspectiva, este artigo, que é fruto de uma pesquisa maior, teve por objetivo geral descrever, nesse processo de variação linguística, os componentes fonológicos variacionais de cinco sinais utilizados nas comunidades de fala de João Pessoa e Recife. Para a coleta de dados foi utilizado o banco de dados da pesquisa “A língua brasileira de sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife”, financiado pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A metodologia obedeceu às seguintes etapas: (1) selecionar duas categorias semânticas da lista SWADESH; (2) identificar os sinais que apresentam variação fonológica; (3) descrever as unidades fonológicas variacionais utilizando o software para transcrição *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN); (4) especificar os tipos de variação fonológica. As análises dos dados resultaram em um quadro descritivo dos parâmetros fonológicos que apresentaram maior índice de variação fonológica da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). As análises oferecem uma contribuição tanto para uma melhor descrição dos aspectos fonológicos da Libras como também para constatação de variáveis o que é mais um traço de aproximação com as línguas orais.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação fonológica. Libras.

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos refletem uma tradição permeada de buscas incessantes pelos processos de produção e compreensão das línguas orais até os dias atuais (PETTER, 2011). A descrição e a análise da língua são categorizadas em níveis que partem das microunidades às macrounidades: fonológica, morfológica e sintática. Alia-se a esse conhecimento a compreensão da sociolinguística, que analisa o uso da língua sob a perspectiva social, considerando o processo histórico-social como elemento influente nas formações dos signos linguísticos.

As pesquisas focadas nas línguas orais contemplam os diversos níveis de estruturação linguística. Comparando os estudos das línguas de sinais ao acervo de estudos dedicados às expressões orais, percebemos a necessidade de pesquisas que contemplem sua diversidade, visto que o reconhecimento das línguas de sinais é recente, existindo ainda a necessidade de maior descrição de seus aspectos linguísticos, conceituais e variacionais.

1 As pesquisas iniciais sobre as Línguas de Sinais

A definição dos universais linguísticos foi aplicado às línguas de sinais, embasando as pesquisas iniciais que se dedicaram ao estudo estrutural, a fim de comprovar elementos linguísticos que a compunham, seguidos pela aquisição da linguagem, estudos que investigaram a aquisição da *American Sign Language (ASL)*¹ por bebês surdos. A constatação desses achados permitiu e estimulou um direcionamento de estudos linguísticos para as demais áreas da ciência, como a sociolinguística.

As descobertas sobre a estrutura linguística da ASL iniciaram com o pesquisador americano William Stokoe em 1960 e posteriormente foram complementadas por outros pesquisadores².

No Brasil, os estudos linguísticos iniciais sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foram realizados por Ferreira-Brito (1984; 1990; 1993; 1995); Felipe (1988, 1991, 1997); Quadros (1995; 1994; 2004); Fernandes e Strobel (1998); Capovilla; Raphael (2004; 2005; 2006). Esses se destinaram a investigar a estrutura linguística da Libras e o processamento linguístico em pessoas surdas.

As pesquisas sobre os aspectos dos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático da Língua de Sinais se desenvolveram a partir da modalidade visual-gestual (FELIPE, 2001). Perceberam, por exemplo, que a ausência do estímulo sensorial auditivo permite à pessoa surda construir sua relação com o mundo através da visualidade.

Nesse caso, o signo linguístico é constituído a partir de informações visuais apreendidas do meio sociocultural. A visualidade evidencia a particularidade sensorial, os processos linguísticos empregados no uso da linguagem e a participação da língua de sinais na constituição da identidade linguística e sociocultural da Pessoa Surda³.

Os estudos sociolinguísticos atribuíram às línguas a relação com o aspecto social. Labov (2008) propôs que a constituição e desenvolvimento da língua é possível devido a comunidade linguística estar inserida em um contexto social. Pesquisas sobre variação em outras línguas reúnem dados de diferenciação fonética aliada a uma comunidade específica.

Portanto, este trabalho aborda uma análise micro sobre o processo de formação de palavras, enfocando os componentes fonológicos variacionais da língua de sinais falada por surdos residentes em João Pessoa e em Recife. Adotou-se como embasamento teórico a sociolinguística variacionista, que discute a participação de elementos culturais no processo linguístico e corrobora para a compreensão de suas diferentes manifestações, enriquecidas e diversificadas pelos contextos sociais de uso da língua.

A relevância das pesquisas sobre variação fonológica deve-se à contribuição que elas proporcionam à compreensão dos seus mecanismos funcionais. O processo de

¹ Língua de Sinais Americana (ASL).

² Battison (1974; 1978); Klima; Bellugi (1979); Baker (1976); Liddell (1980); Fischer (1973); Fischer; Gough (1978); Liddell; Johnson (1989); Sandler (1989); Neidle; Kegl; Maclaughlin; Bahan; Lee (2000) *Apud* Quadros (2004).

³ O uso do termo Pessoa Surda representa graficamente o indivíduo que se reconhece como um ser pertencente à comunidade linguística de falantes da Libras. A surdez clínica é diagnosticada pela perda auditiva em vários níveis: leve (de 25 a 40 decibéis), moderado (41 a 55 decibéis), acentuada (de 56 a 70 decibéis), severa (de 71 a 90 decibéis), profunda (acima de 91 decibéis). <http://www.surdo.org.br>

variação envolve a investigação sobre a origem da mudança linguística, a difusão, a propagação e a regularidade de tais mudanças.

2. Os parâmetros fonológicos

Nas línguas de sinais, as unidades fonológicas são constituídas pelos parâmetros que, similar às línguas orais, se vistos isoladamente, não representam uma entidade linguística, mas quando aliados ao sentido formam o signo linguístico.

Os estudos fonológicos liderados por Stokoe (1960) consideraram a combinação de três principais características para a formação do sinal: configuração de mãos, locação e movimento. Battison (1974), Klima; Bellugi (1979) deram continuidade aos estudos sobre a gramática da ASL ao investigarem outros aspectos fonológicos, e descreveram um quarto parâmetro: a orientação da palma da mão. Baker (1976) e Liddell (1980) analisaram as expressões faciais como itens lexicais, pois coocorrem com os sinais manuais de forma sistemática (QUADROS; KARNOPP, 2004). Quadros; Karnopp (2004) afirmam que a junção desses cinco parâmetros constitui a formação dos sinais. Abaixo o conceito de cada parâmetro:

a. Configuração das mãos (C.M.): são as formas que as mãos adotam para formar cada sinal. Pimenta (2000) apresenta um quadro de 61 configurações que incluem as do alfabeto manual. No exemplo abaixo, os sinais ANIVERSÁRIO, FALAR e AZAR possuem a mesma configuração de mãos.



Figura 1 – Configuração das mãos: sinais para aniversário, falar, azar.

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

b. Locação ou ponto de articulação (L ou P.A.): é o lugar onde incide a mão configurada, podendo tocar alguma parte do corpo ou se localizar em um espaço neutro (em frente ao tórax) horizontal (à frente do emissor). O sinal ANIVERSÁRIO é feito no espaço neutro; o sinal FALAR tem o ponto de locação inicial no queixo; o sinal AZAR possui ponto de articulação no nariz.



Figura 2 - Locação ou ponto de articulação

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

c. Movimento (M): É o deslocamento da mão no espaço durante a realização do sinal. Os sinais citados abaixo têm movimento retilíneo unidirecional.



Figura 3 – Movimento.

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

d. Orientação (O): Representa a direção para qual a palma da mão aponta no momento da realização do sinal. É possível identificar seis tipos de orientação: para cima, para baixo, para dentro, para fora, para o lado contralateral, para o lado ipsilateral.



Figura 4 – Orientação.

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Nos exemplos apresentados, os sinais ANIVERSÁRIO e AZAR possuem orientação da mão “para dentro”; o sinal FALAR é composto por orientação “para o lado contralateral”.

e. Expressão não-manual (E.N.M.): Componentes não manuais, como a expressão facial ou o movimento do corpo, que muitas vezes podem definir ou diferenciar significados entre os sinais. A expressão facial e/ou corporal pode traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, dentre outros.



Figura 5 – Expressão não-manual.

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Os estudos sobre os componentes fonológicos comprovam que assim como as línguas orais, as línguas de sinais em seu nível estrutural são formadas a partir de unidades simples que, combinadas, formam unidades mais complexas (GESSER, 2010).

As unidades fonológicas vistas isoladamente não representam uma unidade linguística, entretanto, quando os parâmetros se articulam e se aliam ao sentido, o signo linguístico é formado. Atribui-se ao plano fonológico a descrição das propriedades físicas, articulatórias e perceptivas dos parâmetros da língua de sinais, discriminando-o do plano morfológico (QUADROS, 2007, p. 81).

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa documental, pois foi executado pelo acesso e seleção de acervo documental, especificamente banco de dados, o qual forneceu os signos linguísticos para análise e informações adicionais sobre o contexto sociolinguístico, constituindo-se como processo sistemático.

Os dados selecionados para análise da variação fonológica pertencem ao banco de dados da pesquisa “A língua brasileira de sinais no Nordeste: as variantes de João Pessoa e Recife”, realizado por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com o apoio da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Visto que a pesquisa é embasada teoricamente na sociolinguística laboviana, consideramos necessário esclarecer primeiramente os procedimentos metodológicos adotados no referido estudo, denominado de pesquisa raiz⁴.

Pesquisa raiz - Tipo e Local da Pesquisa

O estudo “A língua de sinais no Nordeste” foi elaborado com o intuito de registrar o patrimônio linguístico e cultural dos usuários de Libras nas cidades de João Pessoa (PB) e Recife (PE), investigando as práticas linguísticas dessas comunidades de fala: variedades linguísticas, modos de uso, perfil dos usuários, status de bilinguismo. O registro desses dados possibilita a preservação e descrição dos aspectos linguísticos e constrói um *corpus* para pesquisas posteriores. A equipe de pesquisadores foi composta por 12 pesquisadores, dos quais 06 são da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e 06 da Universidade Católica de Pernambuco.

A pesquisa reuniu duzentos e dezesseis sujeitos (cento e oito por cidade) usuários da Libras, dentre surdos e ouvintes. Os participantes foram distribuídos da seguinte forma: cinquenta e quatro falantes para cada sexo, sendo, em seguida, redistribuídos nas quatro faixas etárias: 7 a 14 anos (18 falantes); 15 a 35 anos (18 falantes); 35 a 55 anos (18 falantes) e 55 a 75 anos (18 falantes). Por fim, foram mais uma vez divididos de acordo com os seguintes critérios: seis falantes sem escolarização; seis contendo 05 a 08 anos de escolarização e seis com mais de 11 anos de escolarização (Ensino Superior). O trabalho irá seguir Faria, Cavalcanti *et al.* (2011) que descrevem os procedimentos adotados para a realização da pesquisa:

a) Procedimentos e Técnicas de Checagem de Dados

⁴ O termo *pesquisa raiz* segue o modelo utilizado por Isabelle Delgado em sua tese de doutorado em Linguística intitulada “Uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais: variações de seu uso no processo interativo” (2012), que também utilizou o referido banco de dados.

O instrumento de coleta de dados foi a filmagem semanal de doze sujeitos, divididos em dois grupos de seis, em duas salas previamente selecionadas na Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Cada usuário da língua respondeu em LIBRAS às perguntas elaboradas antecipadamente pelo grupo de pesquisadores sobre os três provocadores, a saber: Racismo, Futebol e H1N1. Os provocadores, conforme citado acima, são imagens as quais remetem a uma análise e uma reflexão do sujeito da pesquisa sobre a temática exposta e foi, a partir delas, que este sujeito, usuário da LIBRAS, sinalizou o que compreendeu a partir das imagens apresentadas. Cada usuário teve um minuto para leitura de cada imagem, com a consequente sinalização em LIBRAS, representando sua compreensão. O tempo destinado a cada sujeito foi de vinte minutos, incluindo um minuto de leitura de cada imagem (provocador) e cinco minutos para suas respectivas sinalizações, com dois minutos de intervalo entre um sujeito e outro. As filmagens ocorreram no período entre 14.02.2010 e 11.05.2010, dando continuidade entre 18.06.2010 e 18.10.2010 à aplicação dos questionários com o grupo de sujeitos participantes. A partir dos dados colhidos, os mesmos foram analisados, considerando-se os objetivos iniciais da pesquisa e os aspectos que justificaram a sua realização.

De posse dos dados, o material coletado foi analisado, organizado conforme a lista SWADESH⁵ e gravado em DVDs. O registro dos sinais em mídia digital foi realizado por dois voluntários surdos pertencentes às comunidades de fala, João Pessoa e Recife.

Os sinais coletados pela pesquisa raiz foram extraídos de situações sociais das comunidades surdas em João Pessoa e em Recife mediante os seguintes critérios: signos linguísticos usados pela comunidade surda de João Pessoa e Recife; signos linguísticos que apresentam variação fonológica quanto à configuração de mão, locação, movimento, orientação e expressão não manual. Após a seleção, orientada pela lista SWADESH, os sinais foram gravados por dois surdos das respectivas cidades. Utilizaremos as nomenclaturas “Sujeito A”, em referência ao sinalizador de João Pessoa; e “Sujeito B”, em referência ao sinalizador de Recife.

Tratamento e análise dos dados

Partindo dessa proposta, este trabalho, que é parte de uma dissertação de mestrado, tem como objetivo geral descrever os aspectos fonológicos variacionais de cinco sinais da Libras, em uso nos municípios de João Pessoa e Recife, considerando a perspectiva sociolinguística.

As etapas metodológicas da dissertação foram organizadas em momentos distintos, os quais se destinaram a favorecer a execução da sistematização da pesquisa.

⁵ O inventário SWADESH foi elaborado pelo linguista americano William Swadesh, entre as décadas de 1940 e 1950, e consiste em um inventário de 200 vocábulos considerados como palavras comuns na maioria das línguas orais. O objetivo do instrumento foi determinar quais eram as unidades significativas indispensáveis em qualquer língua (CÂNDIDO; PEREIRA, 2011).

Portanto, o **primeiro momento** consistiu em investigar as dez categorias à procura de sinais que apresentassem variação linguística. Após termos uma visão geral do *corpus*, elegemos as categorias *plantas* e *natureza* como recorte para nossa pesquisa, por apresentarem quantidade de signos equivalente quanto à variação.

No **segundo momento**, selecionamos os sinais que apresentassem diferenças quanto à sua formação. A quantidade de signos escolhidos para a descrição fonológica consta um total de 10 sinais, sendo 05 sinais de cada grupo semântico. Na categoria *plantas* selecionamos: raiz, casca, semente, caule, espinho. Na categoria *natureza* elegemos: lua, mar, sal, vento, neve.

Após a seleção, o **terceiro momento** consistiu em descrever as variações fonológicas utilizando o ELAN para identificar cada aspecto variacional. Para isso, foram criadas cinco trilhas, cada uma correspondente aos parâmetros fonológicos da Libras: configuração de mão, locação, movimento, orientação e expressão não manual. Cada aspecto foi descrito.

A próxima etapa, o **quarto momento**, consistiu em especificar os tipos de variação, agrupando parâmetros e índice de variação.

O **quinto momento** foi dedicado à análise dos aspectos variacionais. A análise de dados consiste em averiguar as variações fonológicas existentes entre os sinais utilizados por essas comunidades surdas, identificando e classificando as principais diferenças.

Análise fonológica dos dados linguísticos

A contribuição dos estudos sociolinguísticos corrobora para a comprovação da naturalidade das línguas de sinais, pois estabelece correlação entre dados linguísticos utilizados pela comunidade de fala que sofreram modificações diacrônicas e dos vários dialetos (SOUSA; SEGALA, 2009).

As mudanças diacrônicas resultam de uma mesclagem de sistemas primários (comunicação caseira) e outras línguas de sinais. Essas mudanças foram se sofisticando e se moldando ao sistema linguístico. Por sua vez, as interações linguísticas dessa comunidade constroem a identidade cultural. Por isso, quando estudamos as línguas de sinais analisamos também o papel que ela exerce enquanto veículo das relações sociais e da identidade linguística da comunidade de fala.

Considerando a abordagem teórica laboviana e os aspectos de emergência das línguas de sinais, nossa proposta é analisar as unidades fonológicas que apresentam variação quanto aos parâmetros fonológicos da Libras. Selecionamos 10 sinais do banco de dados da pesquisa raiz, agrupados em duas classes semânticas: plantas e natureza. A escolha das classes foi motivada com o intuito de reunir categorias interligadas semanticamente e analisar as construções fonológicas das referidas categorias. Neste trabalho nos dedicaremos à categoria Plantas.

Essa categoria reúne palavras da lista SWADESH, dentre as quais selecionamos cinco sinais⁶ que apresentaram variação fonológica: CASCA, CAULE, ESPINHO, RAIZ, SEMENTE.

a) Sinal CASCA

⁶ Os sinais foram analisados no ELAN.

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
Configuração de mãos	CM direita “61” e CM esquerda “61”	CM direita “56” e CMs esquerda “28” e “27”
Locação	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento	“61” Tipo torcedura de pulso - rotação “61” Contato - de toque <i>Interação – separação</i>	“28” Contato – de toque Transição “28” para “27” – para baixo. <i>Interação – separação</i>
Orientação	CM direita “61” Contralateral; CM esquerda “61” lateral.	Para baixo nas CMs “56”; “28” e “27”.
ENM	Direção do olhar – olhos direcionados para árvore, seguidos por sinal casca. Lábios articulam a palavra ÁRVORE . Lábios levemente projetados para frente em CASCA .	Neutra

Quadro 12 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CASCA.

Fonte: CONSERVA, 2013.

b) Sinal CAULE

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
Configuração de mãos	CM esquerda “59” e CM direita “29”	CM direita “59” e CM esquerda “61”
Locação	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento	CM “59” Tipo torcedura de pulso - rotação CM “29” Contato – deslizamento bidirecional (para cima e para baixo).	CM “29” Contato – deslizamento unidirecional para baixo.
Orientação	CM “59” – para cima CM “29” – contralateral	CM “59” – para cima CM “61” contralateral
ENM	Olhos direcionados para o caule.	Lábios levemente projetados para frente

Quadro 13 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal CAULE.

Fonte: CONSERVA, 2013.

c) Sinal ESPINHO

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
Configuração de mãos	CM direita realiza a sequência “47”; “60” CM esquerda “5”	CM direita “9” e CM esquerda “9”
Locação	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento	CM “47” - categoria contato – deslizamento unidirecional para cima. CM “60” - categoria torcedura	Contorno - retilíneo

	de pulso - rotação; CM “5” contato – deslizamento direcional para cima.	
Orientação	CM direita “47” contralateral CM “60” para cima CM esquerda “5” contralateral	CM direita “9” contralateral e CM esquerda “9” para frente CM direita “9” e CM esquerda “9” para baixo
ENM	Sobrancelhas arqueadas Sobrancelhas franzidas	Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas.

Quadro 14 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal ESPINHO.

Fonte: CONSERVA, 2013.

d) Sinal RAIZ

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
Configuração de mãos	CM direita “59” e CM esquerda “59”	CM direita “58” e CM esquerda “1” + “61” “58” – serve de base (algo sob o qual a raiz está localizada) para as configurações “1” e “61”.
Localção	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento	CM direita “59” - Categoria Tipo - torcedura do pulso - rotação CM esquerda “59” Categoria Contato – toque	CM esquerda “1” - Categoria Contato – toque Transição da CM esquerda “1” para CM esquerda “60” Categoria - Interno das mãos – abertura.
Orientação	CM “59” – para o lado CM “59” – para baixo	CM “58” – para baixo CM “1” – para baixo CM “60” – para baixo
ENM	Olhos direcionados para a raiz.	Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas.

Quadro 15 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal RAIZ.

Fonte: CONSERVA, 2013.

e) Sinal SEMENTE

PARÂMETROS	JOÃO PESSOA	RECIFE
Configuração de mãos	CM direita “17” CM direita “27” CM direita “61” CM esquerda “56”	CM direita “15” e CM esquerda “17”
Localção	Espaço neutro	Espaço neutro
Movimento	CM direita “27” Categoria Tipo - Contato - toque CM direita “27” para CM direita “61” Categoria Tipo – Interno das mãos - abertura simultânea.	CM esquerda “17” Movimento semicircular contínuo
Orientação	CM direita “17” para cima; CM direita “27” para baixo; CM direita “61” para cima; CM esquerda “56” para cima.	CM direita “15” para o lado CM esquerda “17” para baixo

ENM	CM direita “17” sobranceiras levemente contraídas; CM direita “27” lábios contraídos; CM direita “61” Sobranceiras arqueadas e leve sorriso;	CM direita “15” e CM esquerda “17” Lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzidas.
------------	--	---

Quadro 16 – Descrição dos parâmetros fonológicos do sinal RAIZ.

Fonte: CONSERVA, 2013.

A descrição dos parâmetros fonológicos dos sinais pertencentes à categoria PLANTA evidencia as variações fonológicas dos sinais usados em João Pessoa e Recife. Ao olhar da sociolinguística, considerando os estudos de Labov, as variações ocorrem porque cada comunidade de fala faz uso de regras linguísticas variáveis, logo, a língua é um sistema variável.

As pesquisas de enfoque sociolinguístico buscam em suas análises a relação entre os elementos constitutivos da língua e o seu uso por uma comunidade de fala. Desse modo, os resultados obtidos apontam para o caráter social atribuído à língua. Portanto, a partir do objetivo geral desta pesquisa, descrevemos os componentes fonológicos dos sinais. A partir disso, comparamos os resultados variantes dos sinais usados pelas comunidades surdas de João Pessoa e Recife. Apesar da proximidade geográfica, observamos alto índice de variação fonológica por sinal, representado no gráfico abaixo.

A identificação da organização fonológica motivou a compreensão da relação morfológica proposta por Nascimento (2009)⁷. A categoria PLANTAS apresentou maior índice de sinais construídos morfológicamente pelo processo de derivação I. Nos sinais usados pela comunidade de fala em João Pessoa, CASCA, RAIZ, CAULE são formados pela CM “59” correspondente ao morfema ÁRVORE e tem função de base lexical para que outros elementos se vinculem a ele. Logo, a UT – CASCA é produto da vinculação da Bp - ÁRVORE associado ao Mesp - CM “61”. RAIZ é formado por Bp – ÁRVORE e Mesp - CM “59”. CAULE é produto da Bp – ÁRVORE associado à CM “29”. O mesmo processo de derivação de CAULE ocorre no sinal usado em Recife. Nos casos citados, a ENM direção do olhar enfatiza a parte Mesp dos termos.

O morfema preso CM “59” também foi utilizado no termo ESPINHO formado a partir da seguinte constituição: o sinal FLOR CM “47”, o morfema preso CM “59”, a CM “5” equivalente ao sinal espinho localizada no morfema preso CM “59”. Neste caso, o uso do morfema-presos CM “59” assume a função de classificador para a categoria semântica flores que é identificada pelo sinal FLOR.

O morfema base CM “59” é um morfema lexical que detém uma carga conceptual semântica compatível à especificação de plantas, ou seja, é utilizado como classificador para esse grupo semântico. Esse elemento participa como morfema base em quatro dos cinco termos da categoria PLANTAS.

Os termos CASCA e RAIZ, sinalizados pelo sujeito B (Recife), são constituídos seguem o processo de derivação I proposto por Nascimento (2009). Em CASCA, a CM “56” tem função de morfema-base e assume o sentido de superfície sobre o qual as CMs “27” e “28” se sobrepõem. Esse último elemento do sinal possui o sentido de casca, parte superficial e protetora dos troncos, dos galhos e dos ramos. Em RAIZ, a CM “58” atua como morfema-base com sentido de solo para as CMs “1” e

⁷ NASCIMENTO, S.P.F. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

“60” elementos desse termo designados para representar a raiz. Ambos, Bl e M se usados isoladamente são destituídos de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sobre a língua baseado na interação do homem com seu meio social conferiu-lhe uma perspectiva sociolinguística. A ideia da língua enquanto comportamento social foi discutida por Labov (2008) ao considerar que os vários processos linguísticos de emissão e compreensão se constituem por meio do social. Essa teoria evidencia a heterogeneidade da língua baseando-se no estudo da estrutura interna e de sua evolução em uso por determinada comunidade linguística.

Considerando tais aspectos, Labov estabeleceu um conceito micro para as interações sociais, baseado no emprego de regras gramaticais e no uso da língua por falantes. Surge o conceito comunidade de fala que privilegia o grupo de falantes enquanto objeto de pesquisa, por acreditar que as produções dessa comunidade representam variáveis do processo de circulação e emergência das línguas.

Baseando-se nesse conceito, essa pesquisa se propôs a investigar os parâmetros fonológicos variacionais da Libras nas comunidades de fala de João Pessoa e Recife. A descrição sobre a língua de sinais apresentada neste trabalho consistiu em descrever as principais variações fonológicas de cinco sinais da categoria Plantas.

A utilização do *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN) para a descrição das variações fonológicas propiciou a identificação minuciosa dos parâmetros fonológicos. O seu reconhecimento resultou em um quadro descritivo para cada um dos cinco termos selecionados, nos quais os parâmetros estão destinados à relação descritiva e funcional dos sinais selecionados para análise.

Esse trabalho oferece uma contribuição tanto para uma melhor descrição dos aspectos fonológicos da Libras como também para constatação de variáveis o que é mais um traço de aproximação com as línguas orais. Ainda existe a necessidade de mais estudos linguísticos que proporcionem uma análise maior sobre a Libras em território nacional para o aprofundamento dos estudos sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, F. et al. Como avaliar o desenvolvimento da competência de leitura de palavras em surdos do ensino fundamental ao médio, e analisar processos de reconhecimento e decodificação: Teste de Competência de Leitura de Palavras. In: CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. (Orgs.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras**. São Paulo: Edusp, 2004, v. 1.

_____. Como avaliar a competência de leitura em surdos do ensino fundamental ao médio, e analisar os processos fonológicos, semânticos e ortográficos: versão original 1.1 do Teste de Nomeação de Figuras por Escolha. In: CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. (Orgs.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras**. São Paulo: Edusp, 2005, v. 4.

CAVALCANTE, M. C. B. Sociolinguística. In: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Orgs.). **Língua portuguesa: teorias e práticas**. v. 3. João Pessoa: Editora Universitária, 2011.

DELGADO, I. C. **Uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais**: variações de seu uso no processo interativo. 2012. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FELIPE, T. A. 2001. **LIBRAS em contexto: curso básico**. Livro do estudante. Brasília, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial.

FERNANDES, S. STROBEL, K.L. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED, SUED, DEE, 1998.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, 2010.

FIORIN, J.L. A linguagem em uso. In: FIORIN, J.L. (Org.). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, S.P.F. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTA, N. **Configurações de mãos em LSB**. Pôster. Tamanho: A4: 21,0cm x 29,7cm. Rio de Janeiro: LSB Vídeo. Disponível em:
<http://www.lsbvideo.com.br/popup_image.php?PID=129> Acesso em: 24 jun 2010.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SEGALA; R.R.; BERNIERI, R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: A noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R.; STUMPF, M. (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: RJ: Arara Azul, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W. HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].